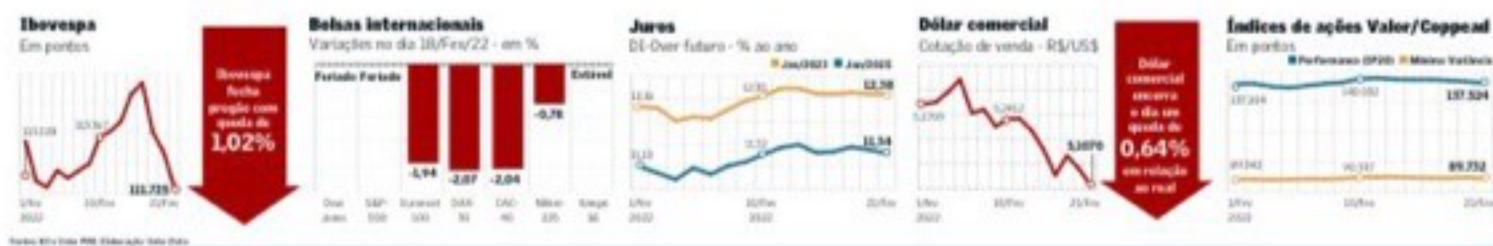


Finanças



Mercados Entrada de recursos, porém, não foi suficiente para sustentar Ibovespa Em meio à tensão geopolítica, dólar recua para os R\$ 5,10

Gabriel Bocca, Igor Sedré e Felipe Sabarino
De São Paulo

A despeito do acirramento das tensões geopolíticas envolvendo a Ucrânia, o real voltou a demonstrar resiliência e teve no pregão de ontem um dos melhores desempenhos globais ante o dólar, fechando o dia na marca dos R\$ 5,10, no menor patamar desde julho. No entanto, o forte fluxo externo que tem se direcionado ao mercado local, e ao qual se atribui o movimento do câmbio, não foi suficiente para sustentar o Ibovespa, que terminou com uma queda superior a 1%.



Rostagno, do Mizuho: Real segue apertado pelo diferencial de juros

O dólar comercial fechou o dia em baixa de 0,64%, a R\$ 5,107. Nos melhores patamares do dia, a moeda americana chegou a ser negociada aos R\$ 5,07 — abaixo da marca dos R\$ 5,10 pela primeira vez em quase sete meses. O real foi a única com o segundo melhor desempenho frente à moeda dos EUA, ficando atrás apenas do sol peruano. Perto do horário de fechamento dos mercados locais, o rand sul-africano registava baixa de 0,42% em relação ao dólar americano, enquanto o rublo russo recuava 3,68% e a lira turca caía 0,56%.

"Ainda há certo espaço para apreciação do real no curto prazo", aponta o banco ABC Brasil em nota. "Isso porque os nossos modelos seguem indicando um valor justo ao redor de R\$ 5, dado o diferencial de juros atrativo e o elevado nível dos termos de troca. Além disso, o fluxo cambial continua favorável e não tem havido antecipação ao quadro eleitoral", escrevem os analistas da instituição.

O movimento do mercado de câmbio também acabou derrubando os juros futuros, que fecharam o dia em queda. A taxa do contrato futuro de Depósito

Interfinanceiro (DI) para janeiro 2025 passou de 11,40% para 11,34% e a do DI janeiro de 2027 caiu de 11,31% para 11,23%.

Segundo o estrategista-chefe do Banco Mizuho no Brasil, Luciano Rostagno, a curva de juros teve uma retrada de prêmio de risco ontem, beneficiando-se do câmbio, que seguiu sustentado pelo diferencial de juros da economia brasileira em relação ao exterior. O profissional observa, ainda, a continuidade do ingresso de divisas estrangeiras no país.

"Os investidores estão, aparentemente, em busca de taxa de juros mais elevadas e, por isso, as moedas da América Latina no geral dão sinais de mais resiliência, porque são os países que estão mais adiantados no ciclo de aperto monetário", comenta.

A entrada de recursos externos no mercado local ainda segue de forma ininterrupta no mercado acionário, o que também contribui para a apreciação do real. Segundo dados compilados pela B3, o saldo líquido de recursos externos que entrou na bolsa local na última quinta-feira foi de R\$ 1,4 bilhão, levando o total acumulado de 2022 a R\$ 53,7 bilhões.

Apesar dos fluxos direcionados aos ativos brasileiros, o dia foi de liquidez limitada nos mercados globais devido ao feriado do Dia dos Presidentes nos Estados Unidos, onde não houve pregão. O menor volume de negócios, aliado à aversão ao risco provocada pelo acirramento das tensões entre a Rússia e o Ocidente, contribuiu para um movimento de queda nos principais índices de ações globais.

Assim, o Ibovespa terminou a sessão em queda de 1,02%, aos 111.225,30 pontos, perto de seus menores patamares do dia. O volume de negócios foi o segundo menor de 2022, totalizando R\$ 13,81 bilhões, ante média diária de R\$ 22,81 bilhões no ano.

Outrem, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, reconheceu oficialmente a independência de duas regiões no leste da Ucrânia controladas por separatistas pró-Moscou, Donetsk e Luhansk, em

um movimento que deve agravar a crise com o país vizinho e com as potências ocidentais. Em um pronunciamento transmitido em rede nacional de TV, Putin afirmou que a Ucrânia se tornou uma colônia americana, liderada por um governo de fantoches.

EUA e União Europeia imediatamente anunciaram sanções econômicas em reação à decisão russa, classificando a medida como "violação do direito internacional".

Nesse contexto de aversão a ativos de risco, o dia foi de perdas expressivas para os principais índices europeus. O Stoxx 600 encerrou o pregão em baixa de 1,30%. O FTSE 100, de Londres, recuou 0,39%, o DAX, de Frankfurt, perdeu 2,07% e o CAC 40, de Paris, fechou em desvalorização de 2,04%. Ainda mais expressiva foi a queda no índice MOEX, da Rússia, que despencou 10,5%, em sua maior desvalorização diária desde a invasão russa à Crimeia, em 2014.

Por outro lado, os preços relacionados à oferta de petróleo com a possibilidade de uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia ficaram os futuros do petróleo Brent para abril fecharam em alta de 1,97%, aos US\$ 95,19 o barril. Os ganhos da commodity impulsionaram as petrolíferas da bolsa brasileira: Petróleo ON e PN subiram 2,70% e 2,58%, respectivamente, enquanto Petróleo ON e 3R Petrobrás ON ganharam 3,65% e 3,87%.

"Alocações em commodities e em ações do setor de energia são uma opção atrativa para ajudar os investidores a proteger os riscos do petróleo, em nossa opinião. Os preços da energia provavelmente aumentarão no caso de uma escalada na Ucrânia, bem como se as tensões permanecerem em meio à crescente demanda e oferta de petróleo restrita", afirmam os estrategistas globais do UBS.

Focus indica aumento do juro neutro acima de 4%

Analise
Alex Ribeiro
De São Paulo

O boletim Focus de expectativas de mercado financeiro, divulgado ontem, indica um movimento de alta das estimativas de juros neutros para acima de 4% ao ano. Caso essa tendência se confirme, isso significa que o Banco Central terá que operar com uma taxa Selic mais alta nos próximos anos para manter a inflação sob controle.

O mercado aumentou, pela segunda semana seguida, a sua estimativa para o juro nominal em 2024, de 7,25% ao ano para 7,38% ao ano. Isso significa uma taxa real de juro de cerca de 4,38%, considerando a meta de inflação de 3% fixada pelo governo para o longo prazo.

Esse percentual supera a estimativa de um juro neutro de 4% ao ano apontada pelo mercado na pesquisa pré-Copom de dezembro, um questionário que os analistas do setor privado respondem às vésperas das reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) do BC.

O próprio Banco Central estima uma taxa de juro neutra de 3,5% ao ano, segundo divulgou no Relatório de Inflação de dezembro. Mas a autoridade monetária atribui uma probabilidade relativamente alta de que o percentual seja maior do que isso, já que considera que a fragilidade fiscal aumenta o risco de aumento da taxa neutra.

O ano de 2024 está longe o suficiente para sair do raso mais imediato da política monetária, por isso a taxa de juro estimada pelo mercado para o período é uma espécie de aproximação do juro neutro da economia.

Heje as atenções do Banco

Central estão voltadas para o cumprimento da meta de inflação principalmente de 2023 e, em menor grau, de 2022. O juro real que vai vigorar em 2024 estará voltado para garantir o cumprimento principalmente da meta de inflação de 2025.

A alta na projeção para o juro em 2024 pode refletir, além de um eventual aumento da taxa neutra, uma visão do mercado de que o combate à inflação poderá ser mais prolongado do que se esperava, em meio a uma maior resiliência na alta dos preços globais.

Um sinal dessas dificuldades é que a inflação projetada para 2024 também recua pela segunda semana seguida, de 3,04% para 3,09%. A alta, porém, é menor do que o avanço do juro nominal no período, o que reflete a visão de que a alta dos juros neutros pode estar por trás da revisão das expectativas para a Selic no período.

A mediana das projeções para a Selic para os anos seguintes segue em 7% anual. Mas há sinais antecedentes de que pode estar em trajetória de alta. A média das projeções para 2025 sobe de 7,1% para 7,17%. No caso das projeções para 2026, passou de 6,9% para 7,07%.

É difícil determinar ao certo o que está levando ao aumento das estimativas para o juro neutro. A julgar pela pesquisa pré-Copom de dezembro, dois fatores devem ser preponderantes: o aumento do risco fiscal e o cenário internacional mais desafiado.

Neste ano, o governo voltou a cogitar novas medidas que fragilizam as contas públicas, como o corte de impostos para combustíveis e para a indústria, num período em que o governo ainda registra déficit primário. A perspectiva de aperto monetário nos países desenvolvidos cria incertezas sobre o nível de juro que vai vigorar em nível mundial no longo prazo.

Vinci investe R\$ 100 milhões na administradora de cartões DMCARD

Alvaro Campos
De São Paulo

A Vinci Partners fechou acordo para um aporte de R\$ 100 milhões na DMCARD, ficando com uma fatia minoritária significativa na administradora de cartões. Os recursos serão usados para investimentos em tecnologia, especialmente para melhorar a experiência do cliente, e possivelmente em aquisições.

Fundada em 2002 em São José dos Campos, por Denis Correia e Moisés Souza, a DMCARD já emite quase 47 milhões de cartões. Com foco em cartões "white label", tem parcerias com mais de 300 redes varejistas, sendo que 90% são supermercados, 5% farmácias, e 5% lojas de material de construção.

Segundo o sócio da Vinci José Pano, o fundo Vinci Impacto e Retorno IV estava procurando um investimento no setor financeiro, onde visse muito potencial de crescimento e capacidade de avançar o avanço tecnológico, além de ter um impacto positivo para a sociedade. Como trabalha com as classes C, D e E, muitas vezes negativas, a DMCARD acaba dando crédito para clientes que não têm acesso em outras instituições financeiras.

"A DMCARD pode não se encaixar

na definição de fintech, que é um pouco nebulosa, mas nos últimos quatro, cinco anos os sócios embarcaram em uma jornada digital muito forte. Nós estudamos muito esse mercado e ela não deixa a dever a nenhuma fintech. Além disso, eles têm um nível de governança muito forte, uma gestão sofisticada", diz.

Correia, fundador e presidente da DMCARD, conta que há alguns anos a companhia percebeu que precisava promover uma revolução tecnológica ou ficar para trás. "Estávamos confortáveis sendo uma empresa analógica, ganhando dinheiro, mas vimos que tínhamos de revisar nossa empresa, e foi o que fizemos". A empresa de 11 passou de 12 para 90 pessoas, a companhia lançou uma conta digital, ampliou o leque de produtos e viu a demanda explodir quando passou a cobrar cartões pelo WhatsApp.

Os investimentos também trouxeram economia. Se antes a DMCARD precisava de 40 mil propostas de cartões por mês e tinha uma equipe de 70 analistas, hoje recebe 300 mil e apenas sete pessoas dão conta da tarefa.

O presidente reconhece que as fintechs "de verdade" têm uma experiência do usuário sensacional,

mas aponta que conceder crédito, especialmente para um público de baixa renda, não é para qualquer um. Ele admite que a inadimplência nesse segmento é mais alta, mas diz que o diferencial da DMCARD é a forma como analisa o risco e, depois, como recupera o cliente que ficou inadimplente.

"A inadimplência na baixa renda não é baixa. Ela sempre vai ser alta, em todos os indicadores. Mas não quer dizer que eles sejam mais pagadores, é porque têm uma renda instável e se enrolaram. Nós sempre entendemos a mão para eles, e isso faz toda diferença".

Para 2022, em meio a um cenário de crescimento quase zero e inflação e juros elevados, Correia diz que o originador de crédito deve desacelerar. "Nesse cenário, a demanda por crédito é maior, porque a inflação corre o encanamento da baixa renda, mas vamos ter de reter um pouco. A inadimplência como certeza será maior, então teremos de aprovar menos crédito, vai ser um ano de cautela".

No ano passado, a carteira de crédito cresceu 60%, para R\$ 810 milhões. O volume de pagamentos processados (IPV) foi de R\$ 4 bilhões, com expansão de 37%.

Se por um lado o cenário macro desafiado pode fazer a expansão

Campos ainda vê tendência de alta da inflação no Brasil

Letícia Garcia
De Brasília

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou ontem que a inflação no Brasil tem crescido em linha com os índices de outros países e que os preços, que incluem alimentos e energia, ainda estão em tendência de crescimento.

"Quando olhamos os gráficos [de inflação], vemos que o Brasil, apesar de estar subindo, está próximo a outros países, tem um nível de forma consistente. Mas vemos de fato uma tendência de inflação que ainda é crescente", ressaltou em palestra organizada pelo canal Agribrás.

O presidente do BC disse que a alta de preços no país é uma das maiores do mundo e foi gerada por choques de energia elétrica e combustíveis. "A inflação no Brasil foi uma das mais elevadas no mundo, mas teve maior inflação de energia do mundo", ponderou.

Campos afirmou que se a inflação de energia fosse a média dos outros países, a média do Índice Brasileiro também seria igual. "Isso mostra que a inflação no país foi basicamente energia, tivemos cho-

ques de vários lados. Tivemos petróleo e crise hídrica", pontuou. Segundo o titular do BC, o último surto inflacionário teve origem doméstica, mas agora temos também a inflação importada, que vem da alta de preços no mundo, especialmente das commodities e da desvalorização cambial.

Campos destacou ainda que o mundo vive período de elevação de juros e disse que a taxa dos EUA, após os ajustes esperados pelo mercado, ainda ficaria abaixo da neutra. "O aperto teria que ser maior para fazer a inflação cair", avaliou. "A gente acha que nos EUA ainda há algum ajuste a ser feito".

Sobre atividade econômica, para ele, com dados mais recentes do setor produtivo mais positivos, analistas que têm previsão perto de zero para 2022 devem revisar para cima a projeção.

Para Campos, a recente melhoria dos resultados fiscais não foi só fruto do aumento da inflação, mas também não foi só estrutural. Segundo ele, "foi um misto". "Questionamentos [do mercado] não têm dos dados fiscais recentes, mas dos da trajetória à frente. Mas juros com menos crescimento gera trajetória fiscal pior."